

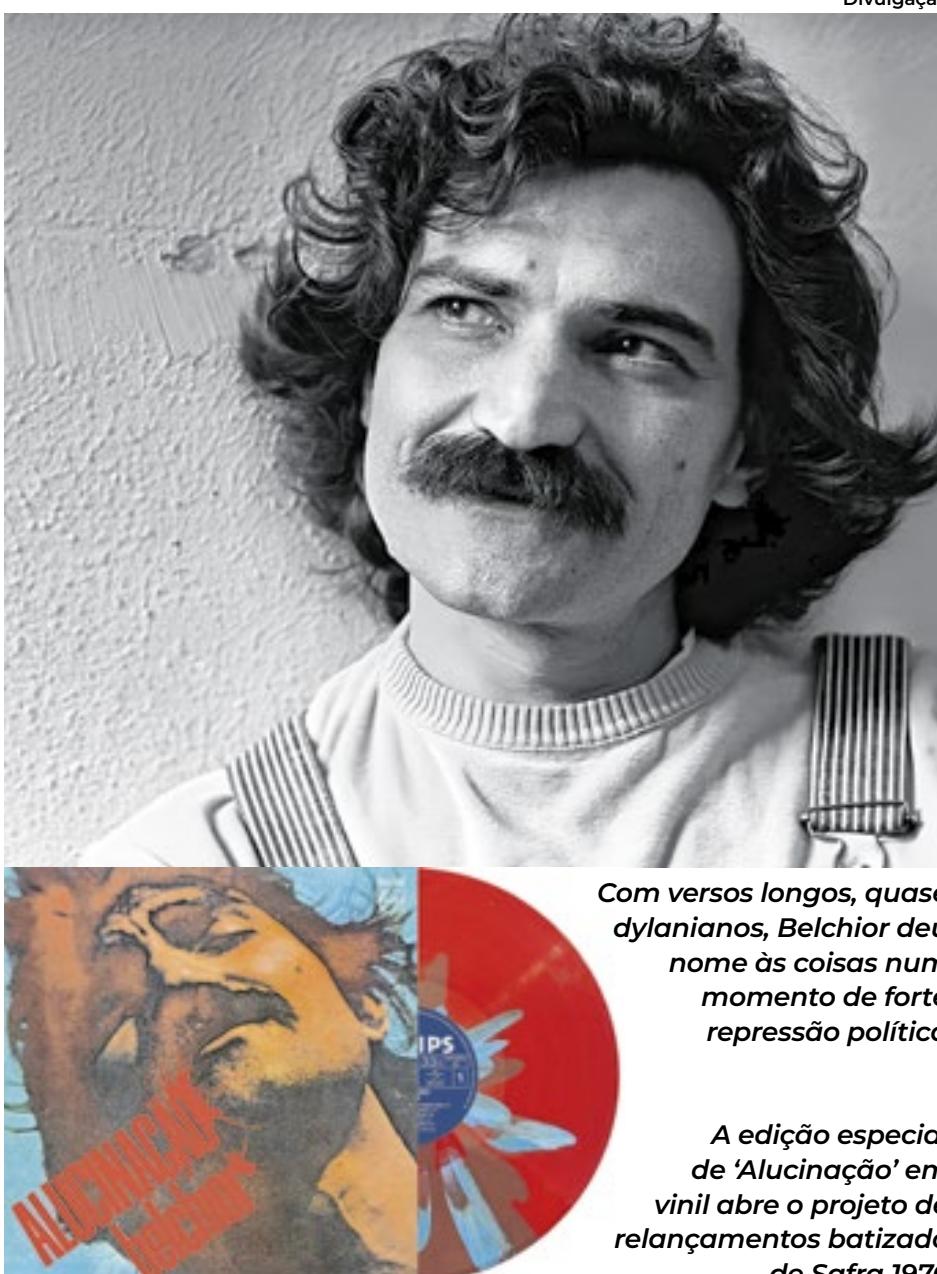
Um artista que não negocia com o romantismo

Anatureza da alucinação proposta por Belchior já se revela na faixa-título do disco, que abre o lado B do LP. Ali, o bardo cearense oferece a chave interpretativa do trabalho quando canta que sua alucinação é suportar o dia a dia e que seu delírio está na experiência com coisas reais. Uma declaração de princípios que descartava qualquer tipo de romantismo escapista em tempos difíceis. O trabalho se escora numa poética do choque com o concreto, um realismo que não negocia subterfúgios líricos ou idealizações consoladoras.

Compreender “Alucinação” exige situá-lo no ressaca cultural que marava aquele momento. Depois dos sonhos utópicos dos anos 1960, com a liberação sexual, as experiências psicodélicas, a resistência artística contra a ditadura militar e a explosão criativa dos festivais, chegara o despertar amargo. John Lennon já havia anunciado que o sonho acabara, e no Brasil a ditadura recrudesceu violentamente a partir do AI-5, inaugurando os chamados anos de chumbo. É nesse território de desencanto com o passado recente, por um lado, e de sede de futuro, por outro, que Belchior construiu este trabalho seminal.

O disco funciona como uma proposta de reorganização da MPB diante de um país e um tempo que não permitiam ilusões. Belchior abandona deliberadamente o simbolismo difuso que marcara a década anterior e aposta numa escrita direta, urbana, carregada de elementos autobiográficos e crítica social. Sua poética se alinha com uma vertente da contracultura que ganhava força na música brasileira daquele momento, mais interessada em nomear as coisas do que em rodeá-las com metáforas.

A urgência desse projeto se manifesta formalmente: versos longos, quase falados, e um vocabulário que aproxima a canção da linguagem cotidiana. “Apenas Um Rapaz Latino-Americano”, que abre o álbum, é uma autodescrição sem disfarces na qual



Divulgação

Com versos longos, quase dylanianos, Belchior deu nome às coisas num momento de forte repressão política

A edição especial de 'Alucinação' em vinil abre o projeto de relançamentos batizado de Safra 1976

o artista apresenta seu chão geográfico, sua geração, sua condição financeira e seu lugar na sociedade. A canção inclui ainda uma ironia dirigida ao “antigo compositor baiano” — referência a Caetano Veloso que sinalizava a visão de Belchior de que era preciso superar a geração anterior da MPB. A produção de Marco Mazzola, apoiada nos teclados e arranjos de José Roberto Ber-

trami (do Azymuth), consolida a linguagem híbrida do disco. O álbum cruza elementos da música regional nordestina com o léxico elétrico da metrópole, resultando numa sonoridade que transita entre folk, blues, soul e baião. Essa mistura reforça a própria experiência narrada nas letras: a travessia do Nordeste ao Sudeste, o choque com a cidade grande, a fricção entre expectativa e realida-

de. Em “Fotografia 3x4”, o triângulo tocado devagar sublinha a memória dura da chegada ao Rio; em “Não Leve Flores” e “Antes do Fim”, a presença do country surge como comentário sobre deslocamento e destino; em “A Palo Seco”, a estética sem ornamentos casa perfeitamente com o projeto poético de um “canto torto feito faca”.

A capa, fotografada por Januário Garcia e tratada com efeito de solarização pela equipe da gravadora, sintetiza essa travessia: um retrato urbano, direto, sem glamour, coerente com o realismo cru do álbum. Duas composições de “Alucinação” alcançaram grande repercussão quando gravadas por Elis Regina naquele mesmo ano: “Como Nossos Pais” e “Velha Roupa Colorida”. Essa circulação ampliada ajudou a empurrar o disco para o centro da vida cultural brasileira, garantindo vendas expressivas já nas primeiras semanas.

A recepção crítica em 1976, porém, dividiu-se: enquanto parte da imprensa enxergava no trabalho uma renovação formal — com suas letras extensas, dicção dylaniana e mistura de gêneros —, outra vertente considerava o disco excessivamente obsessivo em sua busca pelo novo. Essa fricção explica, em parte, a permanência de “Alucinação” como objeto de debate.

Cinco décadas depois, o álbum segue como marco por ter transformado o desencanto numa linguagem própria e por ter ancorado a canção num realismo que dialogava com a experiência concreta da juventude da época. Entre as faixas que compõem o disco estão também “Sujeito de Sorte” e “Velha Roupa Colorida”, que ao lado das já mencionadas formam um conjunto impressionante de composições que, mesmo sendo retratos de uma época, souberam se manter ao longo do tempo.

O relançamento em vinil recoloca esta obra-prima como documento desse momento histórico, mas também como obra que continua a falar ao presente pela clareza, pela coragem estética e pela recusa em fugir da realidade. Até o fim de 2026, a série “Safra 76” deve trazer ainda os álbuns “Cartola” (1976), “Cuban Soul: 18 Kilates”, de Cassiano, e “Falso Brilhante”, de Elis Regina, todos em edições especiais.